

Os direitos de propriedade intelectual de todos os conteúdos do Público – Comunicação Social S.A. são pertença do Público.
Os conteúdos disponibilizados ao Utilizador assinante não poderão ser copiados, alterados ou distribuídos salvo com autorização expressa do Público – Comunicação Social, S.A.

P

FUGAS | Público N.º 11.202 | Sábado 26 Dezembro 2020

Gerês

As fiadeiras de Soajo e outras cantigas da serra

Bebidas destiladas
O que é que
o gin português tem?

Doçaria
Ana Raminhos está
a reinventar os bolos
da pastelaria nacional



Gerês



Cantiga do “sarão”
Estou à porta do sarão
C’um pé dentro outro fora
Se é cedo mandai-me entrar
Se é tarde mandai-me embora
Entraí olhinhos, entraí
Por este sarão adentro
Reparai olhai se vides
Quem trazeis no pensamento
Fiadeiras que fiais
O linho à minha sogra
Fiai-o bem fiadinho
Que vai passar vila nova
Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiais
Quem me dera tantos beijos
Como vós no linho dais
Estou à porta do sarão
Com um feichinho de lenha
Estou à espera de uma fala
Que da vossa boca venha

As histórias de Soajo à volta do fiadeiro

No tempo em que as pessoas eram escravas da terra, ao fim do dia, ao borrarho — fuso e roca a entreter as mãos — carpeava-se a lã, faziam-se meiotos e confidências entre mulheres. Cantava-se para os males espantar. *Luís Octávio Costa (texto) e Anna Costa (fotos)*

● “A alegria delas é estar no meio da serra.” São muito autónomas, as cachenas, pelagem cor de palha ou acerejada, pele grossa e macia, focinho negro e pestanas sempre escuras. Na Primavera, se o pastor se descuidar, deslocam-se sozinhas ao alto da serra e no Outono, com o pasto a escassear, descem às inverneiras sem que alguém as guie. A alegria delas é também a alegria de Catito. São dos bovinos mais pequenos do mundo. São “cabreiras”, diz-nos António Cerqueira — procuram o pasto no meio das fragas, onde só as cabras chegam —, e “meigas”, apesar de coabitarem com os lobos no alto da serra de Soajo. “Temos uma alcateia ali onde está aquele manto de nevoeiro e outra no sopé da serra”, aponta, usando o cachimbo.

Catito chegou num MM vermelho e nunca o vimos sem o chapéu de cowboy. “Prefiro à portuguesa”, sorri o vaqueiro, rodeado de vacas cachenas “paridas” (“as outras estão a chegar”), algumas barrosãs de armadura



em forma de lira, cabras na fraga da branda do Murço, o “coração da serra”, e, à distância, um ou outro garra-no, crinas e rabadas longas e pretas. “Todos aqui gostamos muito dos animais. São todos queridos”, segreda-nos Catito, que na hora do abate não quer estar por perto. Prefere montar e cavalgar pela serra de Soajo e restantes montes laboreiros. “Quem me tira a serra, tira-me tudo”.

Quando saía da escola, a brincadeira dele e dos amigos era “ir com os animais”. Cresceram “com isto, com a natureza”, com a transumância do gado, as serras riscadas pelos fojos, o gado do vento – aquele que era encontrado sem dono. “Temos a mesma escola dos nossos antepassados”, diz António, de 67 anos, amigo inseparável de *Bela*, *Dona Isabel*, olhos amarelos e cor de monte, uma cadela sabuja, raça autóctone que já fazia parte do foral de 1514, outorgado pelo rei D. Manuel I – eram oferecidos ao rei cinco cães por ano –, antigamente treinada no monte para caçar porcos-

bravos, ursos, corços e lobos. “As pessoas começaram a emigrar e este cão já não fazia grande sentido. Agora estamos a fazer pelo sabujo”, continua António, dono de 110 vacas adultas numa zona com “muito pouco gado”. “Há umas 800 cabeças. Chegou a haver mais de três mil.”

O que Soajo tinha e já não tem. Lobos e gado em transumância, sabujos valentes, medas na paisagem e pão cozido nos fornos e usado como troca directa, pessoas para cultivar os pequenos campos de milho e de centeio e para ajudar a empurrar os carros de bois e carretos de estrume pelos trilhos onde ainda estão as marcas do seu peso gravadas nas lajes. “As coisas mudaram muito”, suspira Catito, “muito feliz por viver na natureza”, onde não precisa de relógio nem nada. “É um bom modo de vida, muito saudável. É uma das saídas para o planeta.”

Há menos gente em Soajo. A vila “está envelhecida”, lamenta Sandra Barreira, cujo recreio na escola pri-

mária era o núcleo de espigueiros, a fotografia mais procurada por quem visita a vila de pedra sobre pedra. “2019 foi muito dramático: morreram quarenta e tal pessoas, nasceram duas crianças”, explica a advogada que vive entre o Porto e Soajo, onde “toda a gente era criada um bocadinho nos caminhos”. A própria diz que faz parte da “última fornada generosa” de uma geração que, à semelhança das anteriores, também emigrou.

Perdeu-se muito. E para não se perder o fio à meada, Sandra decidiu juntar mulheres a fiar lã e recriar os fiadeiros que eram feitos nas casas, ao serão, num escano à volta do borralho entre conversas e confidências. “Enquanto umas fiavam, outras carpeavam a lã e outras faziam meiotas, meias de perna ou trabalhos maiores, mantas e aventais de cobrir”, recorda Sandra, memórias da “chicolateira” com café e aguardente, maçãs envolvidas na cinza a pinhas-mansas a ganhar calor.

A ideia surgiu por “improviso” na

abertura das comemorações dos 500 Anos do Foral de Soajo. Sandra pediu a algumas senhoras que cantassem o *São João*, um das cantigas “mais bonitas e populares”, e pouco depois foi contactada por Tiago Pereira, autor do projecto A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria – e que a 17 de Março de 2018 levou mesmo o grupo a actuar no palco do Teatro D. Maria II, em Lisboa, para encerrar o ciclo Portugal em Vias de Extinção.

Acertaram-se quadras, encontraram-se “os estilos” e as variações nas diferentes vozes (“as que botam por cima, que são as senhoras que atingem as notas mais altas, entrando nas cantigas sempre depois das outras, e as que fazem os solos, que tendem a ser vozes mais baixas, seguras e limpas, que servem de base às outras durante o canto”). Recriaram-se os fiadeiros na Casa do Povo abertos a todos os que quisessem participar.

“A memória que tenho de quando ouvia as mulheres a cantar nos campos e na lavoura, durante os traba-

lhos, nos serões, nas tardes de Verão sentadas à porta de casa ou nas noites quentes em que faziam as desfolhadas, era feita de vozes apenas. Ora em tons mais baixos, quando os cantares eram em casa ou locais fechados, ora em tons mais altos, nos cantares que aconteciam a céu aberto, durante os trabalhos”, aponta Sandra, que, em tempos de pandemia, tem na forja a Associação Cultural das Cantadeiras e das Fiadeiras de Soajo, que considera “uma boa alavanca” para estender a recolha e arquivo aos cantares dos lugares da freguesia de Soajo (Várzea, Adrão, Cunhas, Paradela, Vilarinho das Quartas, Campo Grande e Vilar de Suentel), para além de fomentar a aprendizagem nas gerações mais novas.

À semelhança de outros trabalhos como o debulhar das espigas, os fiadeiros “tinham uma componente social forte”, lembra Sandra, que trabalha com 12 cantadeiras (“perdemos a tia Ana, que era a mais velha e uma fonte de histórias”) e 15 cantigas. →

Gerês



“É onde rimos, onde cantamos, onde dançamos. Como os antigos”, sorri Luísa Gomes, a fiadeira mais nova (58 anos) e com “vagas memórias” dos serões “ao borralho”. “A minha avó fazia fiadeiros. A minha mãe também. Era uma alegria. Era acolhedor. Íamos para casa uns dos outros e acho que éramos mais felizes. Era bom que continuasse porque aqui não há nada”, diz, trajada da cabeça aos pés – lenço, avental de cobrir, capa, meia de perna, meiotê e tamancos de vira feitos de couro de vaca e tacholas bem marteladas “para não escorregar”.

Os maridos emigravam e as mulheres vestiam-se de preto. Forravam os brincos de tecido preto. “Outras tiravam os brincos de ouro porque o marido emigrara”, explica Luísa. “Ainda há gente viva dessa altura, mulheres que nunca foram com os maridos. Ficaram sempre aqui.” Maria de Fátima, fiadeira de 77 anos, é uma delas. Foi plantar pinheiros e carvalhos para a floresta com 13 anos. Carregou feixes de mato às costas “de lá dos quintos do diabo”. Depois foi servir. “Levei uma vida dura. Tinha muito o que trabalhar”, conta, enquanto entretém os dedos com uma manela de lã carpeada entre a roca e o fuso – fio fino para as meias e mais grosso para as mantas. Foi criada pela “avozinha” Maria, parteira que fiava para fora, com quem aprendeu a “fazer tudo”. Cavou campos estreitos à enxada (“tudo botado... não ficava um leiroto”), costurou



(“levantava-me às três da manhã para fazer um avental e vender”), fez contrabando a salto (“Para lá, não levávamos nada. Íamos buscar sacholas, carne de porco, chocolate, calçado, azeite, o que as pessoas encomendavam. Chegávamos lá, aviávamo-nos e tornávamos a vir. Foi duro. Chegámos a ser apanhadas pelos carabineiros”)

e tomou conta dos animais dos vizinhos que emigraram para a América. “Jesus! Fui muito escravinha, fui, fui. Agora é uma paródia, ninguém sabe pegar numa sachola. Às vezes vou para a cama pensar nessas coisas e já não durmo...”

Os fiadeiros ainda servem para juntar as pessoas. “Que dá saudades, dá”,

diz Luísa, das poucas fiadeiras que se arriscam a sair de casa com o Inverno e a covid-19 à porta. “Não sei se vale mais estar em casa fechada ou sair e morrer. Para quem está habituado a lidar, isto é uma prisão”, junta Maria de Fátima, antes de nos apresentar ao novo anho do rebanho. “É a Rita. Tem 15 dias e uma boa manta.”

Sandra luta contra a corrente. Sabe “pegar na enxada”. Aprendeu a fiar e vai conseguindo criar um “sentido de unidade” na vila que conhece trilho a trilho, regueiro a regueiro, vizinho a vizinho. Canta cantigas – algumas do grupo das Fiadeiras de Soajo farão parte da compilação *Polfonias do Alto Minho*, projecto de recolha de cantigas –, inventa receitas e apresentamos a pessoas que, como ela, contribuem para que as pedras de Soajo tenham histórias dentro, como a lisboeta Filipa Correia, que chegou a Soajo em 2015 (“encontrámos leiras com ruínas e muitas casas abandonadas cheias de silvas”) e já criou raízes (fundou uma oficina de cerâmica e tem um filho registado soajeiro), e Daniel Rodas Couto, que trocou definitivamente os EUA pela terra dos antepassados para recuperar saber perdido (conserva e transforma vinhas centenárias de Vinhão e Loureiro). “Não havia caminhos de pedra e calcetados como há agora. Era mais lameiros, animais porcos nos caminhos, galinheiros à porta e vacas debaixo das casas nas cortes. Proibiu-se os animais em zona de habitação.

No plano anterior, a fiadeira Maria de Fátima e António Cerqueira, o cowboy de Soajo; ao lado, Sandra Barreira, que decidiu juntar mulheres e recriar os fiadeiros que se faziam em casa

guia



O Espigueiro de Soajo
Avenida 25 de Abril,
Soajo
Tel.: 258 576 136

O Videira

Eiró, Soajo
Tel.: 258 576 205
Saber ao Borralho
Costa Velha, Soajo
Tel.: 258 577 296



Caminho do Pão e Caminho da Fé (percurso longo)

Distância: 5,4km
Duração: Duas horas
Dificuldade: Fácil

Caminho do Pão e Caminho da Fé (percurso curto)

Distância: 4,95km
Duração: Duas horas
Dificuldade: Fácil

Romeiros da Peneda

Distância: 18,5km
Duração: Seis horas
Dificuldade: Média

Trilho do Ramil

Distância: 4,39km
Duração: Duas horas
Dificuldade: Fácil

Trilho do Contrabando

Distância: 10,6km
Duração: 3h45
Dificuldade: Moderada

Soajo modernizou-se um bocadinho”, compara Daniel, de 35 anos. “Dantes éramos muitas crianças e muitas famílias. Hoje somos p’raí uns dez da minha idade. No Inverno nota-se mais...”

As pedras dos trilhos estão cobertas de musgo e os dióspiros pendem das árvores despidas como enfeites de Natal. Madrugamos e seguimos os caminhos de pedras desalinhas que, serra acima, se confundem com os regueiros. A neblina está colada à serra Amarela. Os socalcos que rodeiam a vila estão em silêncio. O cavalo preto com uma pata branca aproxima-se de nós sempre que nos aproximamos dele. Ainda há vacas curiosas que espreitam entre as paredes de granito.

Esta reportagem foi realizada com o apoio do Programa Interreg VA Espanha-Portugal, no âmbito do projecto de dinamização da Reserva da Biosfera Transfronteiriça do Gerês-Xurés